

**Istoé**

**27/06/1984**

**GREVE II**

### **Tempo quente nos canaviais**

A ameaça do fogo voltou a rondar os canaviais da região paulista de Ribeirão Preto. Queixando-se de que os usineiros não vinham cumprindo os acordos assinados no mês anterior em Guariba, 2 mil bóias-frias da vizinha Pitangueiras voltaram à greve, acenaram com a queima de lavouras e bloquearam a estrada da Laranja, ligação dessa cidade com Sertãozinho, na madrugada de quarta-feira. Com isso, impediram a passagem de mais de duzentos caminhões carregados de cana, com destino às usinas da região. Em Morro Agudo, outros 3 mil chegaram também a parar o trabalho por algumas horas, na terça-feira. O sinal de alerta havia partido de Sertãozinho, onde os bóias-frias constataram, numa dramática assembleia, dia 17, que pouco havia mudado desde o dia 18 de maio, quando violentos choques e saques culminaram na assinatura do acordo de Guariba.

A rigor, apenas um dos itens estava sendo cumprido: o sistema de "sete ruas", um dos principais estopins da revolta em Guariba, fora abolido. Voltou-se ao método anterior de "cinco ruas", isto é, o bóia-fria deve cortar apenas cinco filas de pés de cana (as "ruas"). Fora isso, os bóias-frias continuam sem poda fiscalizar a pesagem da cana cortada — trabalho feito na usina, muito distante do local do cone. Os empregadores também não forneceram gratuitamente as ferramentas de trabalho, e o trabalhador está recebendo dois ou três dias depois o comprovante da quantidade de cana por ele cortada, o que dificulta seu controle sobre a própria produção.

Mas a novidade maior desta movimentação é a reivindicação de eliminar-se o "gato" — o empreiteiro que recruta a mão-de-obra com seus caminhões e retém uma parte do pagamento dos bóias-frias, pois recebe um cheque do usineiro e paga menos aos trabalhadores pela cana cortada. Isso sem falar, segundo as reclamações dos cortadores de cana, em juros cobrados pelos vales antecipados e a obrigação de comprar mantimentos nos seus armazéns. "Existe falha de nossa parte", reconheceu o porta-voz dos usineiros, Antônio Eduardo Toniello, depois de interpelado por uma comissão de doze bóias-frias, "mas não é possível que se acerte tudo em uma ou duas semanas".

Quarta-feira, na prefeitura de Sertãozinho, líderes das dezenove usinas da região sentaram-se à mesa de negociações com os trabalhadores: a reunião, que entrou pela madrugada, fixou os termos de um acordo, que no dia seguinte seria adotado também em Pitangueiras, encerrando a greve dos bóias-frias. "A relação entre o usineiro e o 'gato' é como entre o cachimbo e a boca torta", acusa o deputado Valdir Trigo, do PMDB, eleito com os votos de Sertãozinho e que liderou o movimento na semana passada. "Com o empreiteiro no meio da jogada, fica difícil o cumprimento do acordo de Guariba." Os bóias-frias agora reivindicam, pura e simplesmente, a contratação direta pela usina, sem intermediários.

Flamínio Fantini, de Sertãozinho

**(Página 75)**